

O PAPEL DAS PREPOSIÇÕES E DA METALINGUAGEM NA CONSTITUIÇÃO DO SUJEITO ENUNCIADOR

THE ROLE OF PREPOSITIONS AND METALANGUAGE IN THE CONSTITUTIONS OF THE SUBJECT OF ENUNCIATION

Paula de Souza Gonçalves¹

Resumo: O presente artigo propõe algumas reflexões a respeito da Aquisição da Linguagem e da Teoria das Operações Predicativas e Enunciativas de Antoine Culioli. Primeiramente, fazemos uma apresentação desses dois campos de estudo da linguagem e, em um segundo momento, efetuamos análises de certos enunciados de crianças com o intuito de realizar um “cruzamento” entre essas duas visões. A partir destas análises, concluímos que existem alguns pontos convergentes entre a Aquisição da Linguagem e a teoria culioliana e, embora existam restrições entre ambas, pensamos ser de grande valia um trabalho conjunto pelo fato de ambas buscarem compreender o funcionamento da linguagem.

Palavras-chave: Linguagem. Sujeito enunciador. Preposições.

Abstract: This work presents some insights about the Language Acquisition and the Theory of the Enunciative and Predicative Operations from Antoine Culioli. First, we present these two fields of language study and then we analyze some children statements to offer a “crossover” between these two views. From the analysis, we concluded that there are some convergent aspects between Language Acquisition and Culioli’s theory and, although there are constraints between them, we consider the paper important because both theories want to understand the language functioning.

Keywords: Language. Subject of enunciation. Prepositions.

1 Introdução

Este trabalho tem o intuito de mostrar o papel das preposições² na linguagem da criança e, ao mesmo tempo, mostrar a importância da metalinguagem no processo de constituição deste ser - humano enquanto um sujeito enunciador.

¹ Doutoranda do programa de pós-graduação em Lingüística e Língua portuguesa. Faculdade de Ciências e Letras/UNESP – Araraquara-SP. E-mail: psouzag@yahoo.com.br.

² Direcionaremos a discussão das preposições ao estudo da preposição “para”, de nosso particular interesse.

Paralelamente, fazemos um breve cruzamento entre os estudos em Aquisição de Linguagem e os estudos feitos com base na Teoria das Operações Predicativas e Enunciativas (TOPE)³ de Antoine Culioli (ambas as vertentes tratam da linguagem), cujo aparato teórico-metodológico é seguido pela autora do presente artigo.

Primeiramente, faremos um breve histórico de alguns pontos de pesquisa em aquisição da linguagem que consideramos importantes para nossa discussão. Em um segundo momento, estabeleceremos as semelhanças e diferenças entre esses dois campos de estudo da linguagem humana. Buscamos, dessa maneira, evidenciar o importante papel da metalinguagem em relação à constituição do sujeito falante e também a importância das preposições que, com suas operações, revelam que desde a infância utilizamo-nos delas com grande relevância. Ressalta-se que essa relevância não ocorre apenas no aspecto sintático, mas também nos aspectos semântico, pragmático e discursivo. Isso reforça nosso pensamento de que somente um trabalho atento aos enunciados e com o processo de parafraseagem e desambiguação (metalinguagem) é que conseguiremos enxergar melhor essa importância das marcas e de suas possíveis interpretações tanto em enunciados de crianças como de adultos. O processo de desambiguação também possibilita uma maior nitidez no processo de construção da identidade do sujeito enunciadador e uma maior clareza a respeito de em que consiste a linguagem que, por si só, é muito complexa, como admite François (2006 *apud* DEL RÉ, 2006, p. 189) “Isso nos leva a propor que, quando se quer falar do problema da linguagem no singular, perde-se toda a esperança de clareza. A multiplicidade dos caminhos de entrada na linguagem ilumina a heterogeneidade constitutiva da mesma.”

Concordamos com o autor ao enfatizar a relevância dos estudos relacionados ao funcionamento da linguagem e suas facetas “[...] E é necessário, pelo menos substituir uma teoria da aquisição da língua por uma teoria dos ‘modos de funcionamento da linguagem’” (FRANÇOIS, 2006 *apud* DEL RÉ, 2006, p. 184).

No presente trabalho, optamos por um *corpus* composto por enunciados de crianças, uma vez que já evidenciamos o fato em um *corpus* composto por enunciados de adultos⁴.

³ O linguista francês Antoine Culioli (1924) é fundador do princípio enunciativista e discípulo da linha teórica de Emile Benveniste por também tratar de uma linguística enunciativa. Na verdade, o que Culioli propõe é o que a comunidade acadêmica bem conhece (sobretudo a europeia) por um estudo da linguagem através da diversidade das línguas naturais sem dissociar semântica, sintaxe e pragmática. A hipótese base é a de que a atividade da linguagem é uma atividade que produz e reconhece formas - não no sentido morfológico do termo, mas sim no abstrato.

⁴ Cf. GONÇALVES, 2008.

2 Aquisição da linguagem e Teoria das Operações Predicativas e Enunciativas: a necessidade de se entender a linguagem

2.1 A aquisição da linguagem

As pesquisas em aquisição da linguagem surgem de uma necessidade de saber como a criança de um a quatro anos aprende a língua que dominará um tempo depois, assunto que sempre provocou diversas especulações entre leigos ou estudiosos do assunto.

Por suas indagações, a aquisição da linguagem é uma área híbrida, heterogênea ou multidisciplinar. Por este motivo, tem recebido indagações vindas da Psicologia e da Linguística. Dessa maneira, acabou tornando-se uma área de central interesse nas ciências cognitivas e mesmo nas teorias linguísticas.

A seguir, baseado em Scarpa (2001) e Del Ré (2006), faremos uma breve apresentação de algumas teorias da aquisição da linguagem e, em um próximo tópico, faremos uma apresentação da Teoria das Operações Predicativas e Enunciativas de Antoine Culioli. Em um segundo momento, apresentaremos um cruzamento entre esses dois pontos de vista, considerando-se nosso viés teórico, segundo o qual, a linguagem é uma atividade inata e ocorre por meio de um processo de organização parafrástica e de desambiguação.

2.1.2 As correntes teóricas da Aquisição da Linguagem

- *Empirismo*

Os empiristas, como a própria palavra sugere, consideram que o conhecimento origina-se na experiência. Assim, a capacidade de formar associações entre estímulos, ou entre estímulos e respostas é o que seria inato. O indivíduo sempre adquire a estrutura, pois esta está fora de seu organismo.

- *Behaviorismo*

Segundo esta corrente teórica todo comportamento, inclusive o linguístico, era visto como aprendido por reforço ou privação (um estímulo externo provoca uma resposta externa do organismo). Se essa resposta for reforçada positivamente, o comportamento mantém-se, se não, o comportamento é eliminado. Se não houver reforço, o comportamento tende a desaparecer.

Existem alguns fatores que mostram ser o Behaviorismo, uma teoria um pouco falha, uma vez que se o aprendizado se desse por imitação, seria estimado um tempo muito maior de exposição à língua para que a criança adquirisse um repertório suficiente de frases (para dizermos que ela “aprendeu” uma língua), o que não ocorre. Além disso, há que se considerar também, o fato de as crianças produzirem enunciados jamais ouvidos de seus interlocutores.

Dessa maneira, podemos dizer que o processo de aquisição não envolve apenas variáveis externas, o indivíduo tem parte nesse processo.

- *Conexionismo*

Trata-se de uma proposta teórica que procura explicar os mecanismos que embasam o processamento mental, sendo a linguagem apenas um desses processos. Assume-se a existência de um algoritmo de aprendizagem interno que permite o aprendizado a partir de experiências e esta aprendizagem está vinculada às mudanças nas conexões neurais.

- *Racionalismo*

Segundo esta visão teórica, além das experiências, as crianças fazem uso de alguma forma de capacidade inata. Uma das correntes dessa teoria assume o aprendizado da linguagem como independente da cognição (gerativismo) e outra corrente enxerga a linguagem como parte da cognição (cognitivismo).

a) Inatismo:

Segundo esta proposta, a criança tem um dispositivo de aquisição da linguagem inato que é ativado e trabalha a partir de sentenças, gerando como resultado a gramática da língua à qual está exposta. A criança, assim, teria esse dispositivo formado por uma série de regras, selecionando apenas aquelas que existem na sua língua em particular.

A criança seria dotada de uma gramática universal inata, contendo as regras de todas as línguas (“leis” invariantes que se aplicam da mesma forma em todas as línguas).

b) Construtivismo: vertentes “cognitivista” x “interacionista”

b1) Cognitivismo

A visão teórica de Jean Piaget vincula a linguagem à cognição. Segundo este estudioso, o conhecimento linguístico de uma criança em um determinado momento reflete as estruturas cognitivas que foram desenvolvidas antes e que determinam esse conhecimento.

Para o autor o desenvolvimento cognitivo da criança passaria por estágios, cuja ordem de sucessão das aquisições seria constante. O estágio é considerado geral, invariável e cumulativo, o que nem sempre acontece na realidade.

A criança é concebida como um ser dinâmico que, a todo momento, interage com a realidade, operando ativamente com objetos e pessoas. Essa interação com o ambiente faz com que construa estruturas mentais e adquira maneiras de fazê-las funcionar. O eixo central, portanto, é a interação organismo-meio e essa interação acontece através de dois processos simultâneos: a organização interna e a adaptação ao meio, funções exercidas pelo organismo ao longo da vida.

b2) Interacionismo

Vygotsky defende que o desenvolvimento da fala segue as mesmas leis, o mesmo desenvolvimento que outras operações mentais. Ele afirma ainda que uma criança, se puder aprender com auxílio de outras pessoas, terá um ritmo de desenvolvimento mais acelerado que outra criança que tiver que fazê-lo sozinha.

2.2 Teoria das Operações Predicativas e Enunciativas

A Teoria das Operações Predicativas e Enunciativas valoriza e busca, na diversidade de línguas naturais, a atividade de linguagem.

Segundo os preceitos culiolianos, existem propriedades invariantes (operações elementares) que sustentam a diversidade de estruturas, realizações e categorizações das línguas do mundo (atividades de linguagem), de maneira que elas compartilham características comuns. Assim, ele propõe encontrar homogeneidade por meio do que parece heterogeneidade, uma vez que as diferentes línguas farão uso destas operações comuns de modo específico ao combiná-las e fazê-las interagir nos enunciados. Se o linguista conseguir definir as peculiaridades de uma língua individual, conseguirá traçar seu modo específico de mobilizar as invariantes e, conseqüentemente, esboçar o que ela tem em comum com as outras línguas.

Culioli (2002) considera a linguagem uma atividade de produção e reconhecimento de formas como traços de operações simultâneas de representação, referenciação e regulação,

o que se resume a uma reconstrução de enunciados⁵. E o processo de construção desses enunciados é a própria enunciação.

Percebemos assim, que Culioli trabalha com enunciados, e não com palavras, que são unidos de maneira a formar uma corrente de pares mínimos cuja reunião resultaria na reformulação de um problema. Ou seja, quando falamos ou escrevemos, temos um processo de organização parafrástica, ambigüização e desambigüização.

Diante deste quadro, devemos fazer manipulações para chegar aos enunciados e, mesmo que cheguemos a sequências impossíveis, isso é de grande importância para estudo. Trata-se de um trabalho que pode tanto ser feito intra-língua como com outras línguas, uma vez que nessa teoria, procura-se uma forma mais abstrata que estaria subjacente às várias línguas, ao francês, ao italiano, ao português, entre outras.

O ponto de referência central de análise do enunciado é sempre o falante, de maneira que o contexto puramente gramatical da sentença dá lugar à subjetividade da linguagem. Apesar disso, Culioli (2002) distingue claramente aquilo que seria o domínio psicológico do domínio linguístico quando do trabalho com o enunciado como um todo. Depreende-se, assim, que linguagem, sob esta ótica, é um trabalho constante de representação que é seguido de um processo de referenciação da mesma. E essa atividade de representação ocorre entre o “eu” e o “outro” podendo ser esse outro o mesmo “eu”. Ou seja, o indivíduo regulando e equilibrando suas representações, o que leva a um questionamento da linguagem enquanto forma de comunicação, uma vez que o indivíduo é emissor e receptor ao mesmo tempo, fazendo da fala não somente uma comunicação, mas uma ação que desencadeia vários processos.

Também dentro dos pressupostos da TOPE, o que chama a atenção é a visão do significado e da sintaxe como inseparáveis numa variedade de linguagem. Em outras palavras, o texto é um arranjo léxico-gramatical em que devemos encontrar o sujeito sócio-psicológico, e enxergar a língua como uma questão de auto-organização do ser - humano. A teoria culioliana é uma teoria que propõe que se observem valores semântico-discursivos veiculados por marcas de diferentes ordens (entoacional, lexical, morfológica, etc.) geradas na relação léxico-gramatical.

Trabalha-se com o intuito de contribuir para uma gramática generalizável da linguagem, no que diz respeito a certas propriedades gerais que deduzem a necessidade de

⁵ Consideramos o “enunciado” como um agenciamento de marcas, as quais são traços de operações, ou seja, o enunciado seria a materialização dos fenômenos mentais aos quais nós não temos acesso. É por isso que Culioli propõe a representação desses fenômenos por meio da metalinguagem.

certas operações. Não se discute que existam diferenças entre as várias línguas naturais, mas acredita-se que essas diferenças, por meio de um olhar mais profundo, têm propriedades comuns, uma espécie de mecanismo de base “*et ce que le linguiste va chercher à voir, c’est ce qui permet à tout cela de fonctionner.*”⁶ (CULIOLI, 2002, p. 28).

O excerto abaixo revela a importância do trabalho com as marcas da língua, na busca das operações mentais, às quais não temos acesso senão por meio dessas marcas:

L’énoncé, c’est un agencement de marqueurs, qui sont eux-mêmes la trace d’opérations, c’est-à-dire que c’est la matérialisation de phénomènes mentaux auxquels nous n’avons pas accès, et dont nous ne pouvons, nous linguistes, que donner une représentation métalinguistique, c’est-à-dire abstraite. (CULIOLI, 2002, p. 27)⁷

Culioli admite que dentro das línguas existem “configurações” de marcas que são profundamente diferentes e justifica que é através da diversidade das línguas e também dos textos que encontramos traços de invariância da linguagem.

Em suma, esta teoria abrange questões eminentemente filosóficas, tais como: qual o objeto da linguística (articulação entre linguagem e línguas) e como tratar a relação entre a materialidade do texto e a imaterialidade da atividade significante dos sujeitos.

Assim, parte-se da hipótese de que há uma atividade mental que se regula sem que tenhamos consciência. A materialidade do texto é o traço dessa atividade mental, das operações, ou seja, nele vai se construir uma sorte de traço metalinguístico que nos permite remeter a essas operações.

3 Análise de alguns enunciados de crianças de 3 (três) meses a 5 (cinco) anos⁸ sob a ótica da Teoria das Operações Predicativas e Enunciativas: uma tentativa de cruzar a Aquisição da linguagem com a teoria culioliana

Para a realização desta seção, escolhemos alguns trechos de um *corpus* coletado e organizado por alunos da disciplina ministrada pela professora doutora Alessandra Del Ré no

⁶ “e o que o linguista vai procurar ver, é o que permite que tudo isso funcione” (tradução nossa).

⁷ “O enunciado, é um agenciamento de marcas, que são elas mesmas o traço das operações, o que quer dizer que é a materialização dos fenômenos mentais aos quais nós não temos acesso, e aos quais nós só podemos, nós linguistas, dar uma representação metalinguística, ou seja, abstrata” (tradução nossa).

⁸ Os dados referentes a crianças de 3 (três) a 5 (cinco) anos foram coletados pelos alunos que cursaram a disciplina “Tópicos de Aquisição da Linguagem”, ministrada pela Profa. Dra. Alessandra Del Ré, no segundo semestre de 2007, no curso de Pós-Graduação em Linguística e Língua Portuguesa da Unesp de Araraquara.

ano de 2007. Serão feitas análises destes enunciados sob a ótica da teoria culioliana e, em seguida, faremos um cruzamento entre esta teoria e os estudos em Aquisição da Linguagem com o intuito de estabelecer algumas semelhanças e diferenças entre essas duas áreas dedicadas ao entendimento da linguagem.

É importante ressaltar que, de acordo com os pressupostos culiolianos, a linguagem é considerada inata. Nesse sentido, é complicado falar em “Aquisição da linguagem”, uma vez que não há como adquirir algo com o qual já nascemos e, portanto, já possuímos. Por isso, utilizaremos “Aquisição de língua”, embora, ainda assim fique complicado, pois, consideramos que o que acontece com a criança é um amadurecimento progressivo na própria atividade linguística que lhe permite “aprender” os princípios e regras de sua língua nativa.

Apesar disso, não nos ocuparemos com esta discussão, pois isto poderia ser apenas um problema terminológico e, portanto, de pouco impacto neste trabalho.

3.1 Análise do *corpus*

1º trecho selecionado:

Situação: Livros

[...]

P: ((ininteligível)) dinheiro?

S: roial ((talvez a criança tenha tentado dizer “real” – a moeda do Brasil))

P: roial?

S: é

P: vem aqui vem desenhar o "Pikachu" (nome de um personagem de desenho animado) pra mim...vamo sentar ali oh na cobra?⁹

S: não ((ininteligível))

G1: é do "Bocão" não é do "Bocão"?

S: qual?

P. e G1: esse daqui

G1: é o "Bocão do Royal" não é?

P: ah é o "Bocão do Royal"....cê gosta de gelatina?

S: é...gelatina pa mim comê

P: pra você comê é?

S: é

G1: que deLícia! [...]

Este trecho suscita-nos uma série de reflexões, dentre elas, a influência do contexto, da entonação e dos gestos, os quais consideramos serem de grande importância para o

⁹ Nas transcrições de fala o P representa a fala da pesquisadora, o S representa a da criança “Samuel” de 3 (três) anos e 8 (oito) meses e o G1, a pessoa que auxiliou nas gravações e na observação.

aprendizado de uma língua pela criança, uma vez que toda a situação enunciativa é observada por ela enquanto sujeito falante (em constituição). Dessa maneira, podemos dizer que o estudo dessas marcas presentes nos enunciados é de suma importância para tentar entender como se dá esse processo.

Da situação acima, tomaremos apenas um enunciado para procedermos às análises e discussões:

“[...] é...gelatina pa mim comê [...]”

Destacamos possíveis caminhos (interpretações) para a construção do enunciado destacado:

1. *Essa gelatina não é uma gelatina qualquer, é uma gelatina que eu vou comer! Ela tem essa propriedade...*
2. *Essa gelatina é a minha gelatina e não a sua.*
3. *Eu, enquanto sujeito ativo, quero que essa gelatina seja minha e ela vai ser minha.*
4. *Essa gelatina existe para que eu a coma!*
5. *Eu costumo comer gelatina, logo, se existe gelatina, é para eu comer!*
6. *Você não conhece isso? É a gelatina para eu comer!*
7. *Estou com fome, então, a gelatina é para eu comer.*

Observemos o uso da preposição “para” presente no enunciado da criança. Podemos dizer que, nesta situação, esta marca está sendo usada de maneira a desambiguar o contexto, uma vez que as pessoas têm dificuldade em entender o que a criança está falando, e então elas descobrem que é sobre “gelatina”, mas, a criança não está pensando em uma gelatina qualquer, mas sim, “a gelatina para ela comer...”. É nesse sentido que propomos mostrar a importância da desambiguação e, conseqüentemente, da metalinguagem para a constituição do sujeito falante. Além disso, também propomos ressaltar o papel da preposição neste contexto, ao auxiliar nesse processo de comunicação.

Neste enunciado, percebemos a importância da marca argumentativa que está sendo usada num contexto de desentendimento com um valor argumentativo. É por isso que sempre lutamos contra o reducionismo que, geralmente, é dedicado às preposições na gramática tradicional, uma vez que, elas não são apenas “sintaxe”, mas representam todo um trabalho

semântico que pode ser observado em contextos linguísticos semelhantes ao apresentado pelo enunciado.

A pesquisadora francesa Aliyah Morgenstern (2009, p. 273) autora do artigo intitulado *What can child language tell us about prepositions?* também observou as mesmas características para a língua francesa:

In our corpus of French children, the category of prepositions emerges with a pragmatic rather than syntactic function: first prepositions are used to mark a relation between speakers, objects and the situation of utterance and not just to link parts of the speech or phrases within the utterances¹⁰.

A preposição “para” transfere uma “posse”. Em sentido abstrato, atribui uma propriedade à gelatina, inclusive, um caráter argumentativo. Além disso, podemos inferir que a gelatina passa a ter a propriedade, a de ser para a criança comer, e não mais uma gelatina qualquer...ou seja, é como se a criança se auto-afirmasse como um sujeito ativo, o qual “possui” a característica de poder comer a gelatina. Acreditamos que o ponto de referência em análises de enunciados deve ser sempre o falante. É importante ressaltar, ainda, sobre a importância da subjetividade contida na linguagem, ou seja, não se deve analisar o contexto puramente gramatical da sentença, como se faz muitas vezes, e sim trabalhar com todas as esferas de entendimento de uma marca. No caso do enunciado, a preposição “para” introduz o sujeito no enunciado, dá-lhe uma identidade e ao mesmo tempo, uma propriedade.

A mesma observação que fizemos com a marca “para”, neste enunciado, pode ser encontrada na língua francesa, segundo Morgenstern (2009, pág. 271, grifo do autor):

The syntactic level of analysis proves insufficient to understand the emergence of prepositions at this age; interpersonal relations as well as pragmatic speech-acts must be taken into account in the analysis of spontaneous children’s discourse (as opposed to electronic data). The pragmatic explanatory function of **pour** in situations of conflict or misunderstanding, is confirmed in Madeleine’s data.¹¹ (grifo do autor):

¹⁰ Em nosso *corpus* de crianças francesas, a categoria das preposições emerge com a pragmática em detrimento da função sintática: as preposições são usadas em primeiro lugar para marcar uma relação entre falantes, objetos e a situação do enunciado e não somente para ligar partes do discurso ou frases. (tradução nossa)

¹¹ O nível sintático da análise mostra-se insuficiente para entender a emergência das preposições nesta idade; relações interpessoais assim como os atos pragmático-discursivos devem ser levados em conta na análise do discurso espontâneo da criança. A função pragmática explicatória de “pour” em situações de conflito ou desentendimento é confirmada no corpus de Madeleine. (tradução nossa).

O estudo a respeito da linguagem da criança torna-se interessante pelo fato de ela ainda não ser pressionada por uma visão pronta de gramática e de funcionamento da língua. Além disso, ela utiliza-se das preposições (marcas) que representam suas operações mentais, como defendido pela teoria culioliana.

Destacamos outro enunciado do trecho mencionado:

“[...] pra você comê É? [...]”

Percebemos que a “ajudante” parafraseia o que a criança diz para facilitar o entendimento e, ao mesmo tempo, para confirmar o que a criança está querendo dizer. Nesse sentido, podemos ressaltar a importância da parafraseagem no processo de desenvolvimento da linguagem na criança, outro aspecto importante também discutido pelos pressupostos metodológicos culiolianos.

Podemos dizer que os estudos em Aquisição da Linguagem também dão grande relevância ao papel do sujeito na produção dos enunciados. São considerados também, gestos e entonações, nas interpretações de falas, embora não se prendam muito em analisar as marcas, como fazemos nestes pressupostos teórico-metodológicos.

Pudemos também perceber que um ponto de convergência entre estas duas “áreas” é o fato de ambas buscarem um entendimento de como se processam as operações de linguagem, embora cada uma trabalhe com o *corpus* de interesse, ou seja, a Aquisição da Linguagem busca um *corpus* composto por enunciados de crianças, o que nem sempre ocorrerá no caso dos estudiosos da TOPE.

2º trecho selecionado:

Situação: livros

[...]

P: quem é esse? ((perguntando sobre o livro do castor que S. pegou no carrinho de livros)) eu não conheço esse bicho?

S: é o tatu

P: tatu? e que faz o tatu?

S: ele ele pega TErra

P: ahn

S: areia

P: ah:::

S: ele tá pegando terra aqui oh

P: que legal::...e pra que que ele pega terra?

S: ele pega terra pá pá pá comê

P: ah:: ((se assusta)) ele come TErra?

S: ((sinaliza que sim com a cabeça))

P: taDI:::nho

S: ele não Morre [...]

Podemos perceber neste enunciado, assim como no anterior, a forte presença do adulto no processo de amadurecimento da linguagem da criança. O que pode ser notado, é que quando as crianças ainda não possuem um domínio linguístico, para dizerem algo que possa ser compreensível, o adulto acaba por parafrasear o que ela diz. Ou seja, o adulto tenta interpretar os gestos da criança, as manifestações vocais, algumas vezes, imprimindo-lhe intenção.

“S: ele pega terra pá pá pá comê

P: **ah:: ((se assusta)) ele come TErra?**

S: ((sinaliza que sim com a cabeça))

P: **taDI:::nho”**

Esse processo de paráfrase é complementado por certa especulação, ou seja, o adulto (a pesquisadora, neste caso) expande o enunciado da criança, o que, sem dúvida, contribui para o desenvolvimento linguístico da mesma.

Segundo Scarpa (*apud* Mussalim & Bentes, 2003, p. 227), **ano?**

A criança incorpora, via especularidade, todo ou parte do enunciado do interlocutor, emitido naquela situação específica. Dá-se, então, um processo chamado de recontextualização, isto é, a extensão do item em questão para outras interações dialógicas, com a recorrência ou a associação a outros discursos.

Dessa maneira, percebemos a importância do “outro” nesse processo. De acordo com os pressupostos culiolianos, o “outro” é de fundamental importância para a construção da identidade do “eu”. Neste sentido, nota-se um ponto de convergência com a Aquisição da Linguagem que também dá grande valor para aquele que constitui o “outro” durante o desenvolvimento da criança.

No fragmento abaixo percebemos, novamente, o uso da marca “para” para desambiguar a situação enunciativa:

“S: ele ele pega TErra

P: ahn

S: areia

P: ah:::

S: ele tá pegando terra aqui oh
P: que legal::...e pra que que ele pega terra?
S: ele pega terra **pá pá pá** come”

De acordo com o enunciado da criança, o tatu pega terra, mas não pega essa terra sem intuito. Essa terra, a partir do uso de tal preposição recebe uma propriedade que é de ser pega para ser comida.

“S: ele pega terra pá pá pá come”

Para este enunciado são possíveis as interpretações:

1. *Ele pega a terra com a intenção de comê-la.*
2. *A terra que o tatu pega para comer é dotada dessa propriedade de poder ser comida.*
3. *Quando o tatu pega a terra, sua intenção é comê-la.*
4. *Bom, se o tatu pega a terra, ele a pega para fazer alguma coisa, para comer.*

Assim, a criança desambigua o diálogo quando a pesquisadora faz a pergunta. É interessante ressaltar também o papel do adulto que, novamente, parafraseia o que imagina que a criança quer dizer, além de estimulá-la a tentar explicar-se.

De acordo com a TOPE, as marcas do tipo “oh” têm valor significativa. Percebe-se que essa marca também é importante na análise do diálogo acima porque a criança está “chamando” o “outro” para continuar interagindo com ela. E é exatamente, esse “outro” que a ajudará no processo de aprendizado da sua língua, da sua cultura, uma vez que a linguagem é uma só e possui operações que podem ser encontradas em todos os seres humanos. Porém, as línguas possuem características específicas, às quais a criança precisa adaptar-se para poder viver no país onde mora.

De acordo com as afirmações de François (2006), notamos a importância da participação do “outro” no enunciado, aguçando a capacidade de entendimento da criança:

Essa ligação não é múltipla. Primeiramente, se a criança compreende o que lhe dizem é porque as palavras nunca são usadas em um vazio absoluto. Elas são acompanhadas de gestos e entoações entre corpo e língua: o “tiens” (olha!) de surpresa é pronunciado com outra entoação e em outro contexto

que o “tiens!” (toma!) do objeto que oferecemos. (FRANÇOIS, 2006 *apud* DEL RÉ, 2006, p. 188)

Como podemos perceber, no enunciado abaixo a criança compreende quando o adulto diz “tadinho” e já logo responde “ele não morre”, ou seja, a entoação, os gestos, a surpresa são de fundamental importância na constituição do sujeito falante.

S: ele pega terra pá pá pá comê
P: ah:: ((se assusta)) ele come TErra?
S: ((sinaliza que sim com a cabeça))
P: **taDI:::nho**
S: ele não Morre [...]

Finalizando, percebemos que a criança não usa as preposições apenas para ligar uma palavra à outra, mas as usa com um forte valor significativo e até funcional, o que fortalece, ainda mais, a não separação de léxico e gramática no estudo da linguagem.

Vê-se, desta maneira, o quão produtivo seria um estudo da linguagem da criança que se baseasse nas operações que estão por trás dessas marcas “gramaticais”.

3º trecho selecionado¹²:

A – a tia () lá no cé:u
P – é? a tia () falou isso pro cê? foi?
A – au:
P – é:?
B – cadê a tia Ângela André?
A – tá trabaando tá trabaando
P – tia Ângela tá trabalhando filho? mas ela volta né?
A – () go:!!
P – o André fez gol com a tia Angela hoje?
A – sim
P – é?
A – qué o baão!
P – então come a comida filho come meu amor
A – ((cantando)) ()
B – olha... come pra ficar forte
A – ((cantando)) paabéns pa Cataina paabéns po João () po João nada!
P – tudo!

¹² Esses dados fazem parte de um projeto mais amplo de cooperação entre França-Brasil, intitulado *Diversité de la socialisation langagière selon les cultures: place et rôle de l'explication*, desenvolvido de agosto de 2004 até janeiro de 2007, pelas profas. Dras. Alessandra Del Ré (Unesp – Araraquara), Sílvia Dinucci Fernandes (Unesp – Araraquara), Marie-Thérèse Vasseur (Université du Maine) e Christiane Préneron (LEAPLE – CNRS). A criança, André, tinha, neste intervalo, de 20 a 30 meses.

A – na cabeça
P – na cabeça?
A – ((cantando)) ()
P – come mais comida
A – () pequenininho
P – é tá só a metade
A – vai comendo come pra/ pra ficar forte come toda a comidinha André tó
P – come filho come o frango!
A – qué o baão! qué o baão!
P – come o tomatinho então [[tomatinho
B – [[ó tomatinho
P – () eu já volto

Este trecho trata-se da fala de outra criança, um pouco mais nova, e foi colocado com o intuito de mostrar o papel dos pais durante a infância de seus filhos, colaborando para que estes se constituam como sujeitos falantes de sua língua. Nos dois enunciados abaixo o uso da preposição “para” justifica a importância de “comer” para a criança, ou seja, argumenta que o ato de comer tem uma característica e/ou propriedade que é a de servir para que a criança fique forte.

“olha... come pra ficar forte”

“vai comendo come pra/ pra ficar forte come toda a comidinha André to”

Percebemos, dessa maneira, a importância dos pais ao conversarem com a criança que, aos poucos vai se acostumando a utilizar os mesmos mecanismos da língua, já que as operações mentais, necessárias para o desenvolvimento da linguagem, ela já possui, só precisa aperfeiçoá-las para sua língua com a ajuda dos pais, por meio de paráfrases e interpretações de seus enunciados.

Segundo Culioli, existe um cenário sócio-psicológico a partir do qual podemos variar muito. Assim, nunca teremos um referente único ao parafrasear. Existe uma série de marcas (pistas) no enunciado que permitirão que o outro construa um significado para si (Culioli aposta em uma variação radical da linguagem – tese da indeterminação da linguagem, em que cada sujeito constrói o seu referente).

Atentemos para os enunciados abaixo:

A – () pequenininho
P – é tá só a metade

Esse trecho confirma, novamente, a importância dos pais enquanto o “outro” na situação enunciativa. Vale ressaltar que, quando a criança começa a criar relações e falar consigo mesma ou pensar, ela está constituindo o seu próprio “outro” (epilinguística). Esse é um processo mental de fundamental importância para o desenvolvimento de sua identidade e para a conscientização quanto aos usos da língua.

Enxergamos a língua como uma questão de auto-organização do ser humano, por isso simpatizamos com paráfrases e glosas¹³. Busca-se a linguagem, capacidade inata de construir representações, referenciá-las e regulá-las na língua construída.

4 Algumas conclusões

Diante das discussões desenvolvidas neste artigo e, considerando-se as várias teorias da Aquisição da Linguagem, podemos inferir que os pensamentos de Culioli aproximam-se, um pouco, do que é defendido pelas teorias do Construtivismo, uma vez que este referencial teórico ressalta que não ensina a língua, mas ensina a pensar. Mas, devemos ter muito cuidado ao fazer esta relação, uma vez que o construtivismo piagetiano¹⁴ é criticado por não dar grande relevância ao social. Culioli, ao considerar a linguagem enquanto representação, regulação e referenciação está inserindo o psicossociológico. Além disso, ele também propõe a inserção do sujeito ao estudar a linguagem.

Em nossas análises trabalhamos, apenas, com o estudo de alguns enunciados e detivemo-nos às marcas, isso não é um reducionismo ou uma simplificação das análises, pois pensamos que quanto mais se sabe sobre a parte, mais se saberá sobre o todo e vice-versa. Acreditamos em uma forte relação entre o todo e a parte e que a linguagem seja inata (forma), mas damos grande relevância para o empírico, de grande importância na constituição do sujeito falante.

O objetivo de Culioli é falar de linguagem por meio da diversidade de línguas naturais, cuja sintaxe é um arranjo léxico-gramatical que nos leva ao semântico-discursivo. Em outras palavras, para Culioli, não existe gramática universal, como a proposta por Chomsky, pois o aprendizado na criança começaria como uma interação. A criança vai entender quando falamos com ela. Por exemplo, ao darmos uma maçã para um bebê dizemos:

¹³ Uma espécie de paráfrase mais “livre”.

¹⁴ Com algumas leituras, pudemos perceber que os pensamentos de Culioli aproximam-se mais do construtivismo piagetiano em detrimento do construtivismo de Vygotsky, mesmo este último dando relevância ao social.

“Olha a maçãzinha!” e a criança acaba associando o conceito <ser maçã> com a situação que se repete.

Assim, não consideramos a existência de uma gramática universal e sim de certas operações de base que nos possibilitariam a interação. Neste caso, teríamos o empírico. Temos uma espécie de máquina que vai ser ativada pelo empírico e isso vai estar presente na organização da língua.

Precisamos do léxico e da gramática para recortar e dar forma às nossas noções. Por isso, seria um reducionismo falar em linguagem pensando apenas em gramática.

Dessa maneira, acreditamos que a linguagem é um processo natural de desambiguação, uma vez que todos os enunciados são ambíguos (tese da indeterminação da linguagem) e as experiências dos sujeitos são diferentes. Logo, a cada momento, temos que fazer um trabalho de representação, referenciação e regulação para ver o que tal enunciado significa para o outro

Referências

CULIOLI, A. **Variations sur la linguistique**. [S.L.] Entretiens avec Frédéric Fau – Klincksieck, 2002.

DEL RÉ, A. Movimento de mise em mots e produção de metáforas face ao desenho. **Alfa**, São Paulo, v. 48, n.1, p. 73-82, 2004.

_____. (Org.) Aquisição da linguagem: uma abordagem psicolinguística. In: DEL RÉ, A (org.) **Aquisição da linguagem**. São Paulo: Contexto, 2006. p. 13-44.

FRANÇOIS, F. O que nos indica a “linguagem da criança”: algumas considerações sobre a “linguagem”. In: DEL RÉ, A. (org.) **Aquisição da linguagem**. Tradução de Guacira Marcondes Machado Leite. São Paulo: Contexto, 2006. p. 183-200.

GONÇALVES, P. S. **A preposição “para” e o processo de construção referencial**. 2008. 113 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Araraquara, 2008.

MORGENSTERN, A., Sekali, M. What can child language tell us about prepositions ? A contrastive corpus-based study of cognitive and social-pragmatic factors. **Studies in Language and Cognition**, Cambridge Scholars Publishing. Editors: Jordan Zlatev, Marlene Johansson Falck, Carita Lundmark and Mats Andréén, 2009. páginas 261 a 265.

PINKER, S. **O instinto da linguagem**: como a mente cria a linguagem. São Paulo: Martins Fontes. 2002.

SCARPA, E. M. Aquisição da linguagem. In: MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Ana Cristina. **Introdução à linguística**: domínios e fronteiras. V. 2. São Paulo: Cortez, 2001.

Texto recebido em 28/10/10.

Aprovado em 22/02/11.